



## **BATE PAPO NO WHATSAPP COMO VEÍCULO DE DISCUSSÃO DE QUESTÕES DE INTERESSE DE ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

Bianca Della Líbera<sup>1</sup> e Claudia Jurberg<sup>2</sup>

1 – Instituto Benjamin Constant; [biancadellalibera@gmail.com](mailto:biancadellalibera@gmail.com)

2 – Universidade Federal do Rio de Janeiro; [cjurberg@yahoo.com.br](mailto:cjurberg@yahoo.com.br)

**Resumo do artigo:** A deficiência visual atinge 18.8% da população brasileira, e engloba desde alterações no campo e na acuidade visual até a cegueira total. Pessoas com deficiência visual podem ter acesso limitado à informação, uma vez que esta nem sempre se encontra em formato acessível, e a tecnologia assistiva (TA) apresenta-se como facilitadora da acessibilidade. Dentre os diferentes recursos de TA disponíveis, aqueles relacionados ao computador e às tecnologias móveis vêm ganhando espaço entre os preferidos das pessoas com deficiência visual. Neste trabalho, buscamos mostrar o potencial de uma comunidade de prática (CoP) constituída por estudantes com deficiência visual e cuja interação se dá predominantemente por meio do aplicativo WhatsApp em processos de educação informal. A CoP se mostrou espaço privilegiado para a discussão de questões relevantes e o compartilhamento de ideias e práticas sobre temas de interesse dos participantes. Durante as interações, foram gerados conhecimentos que serão posteriormente disponibilizados em rede, com o intuito de dar visibilidade às questões de interesse de pessoas com deficiência visual, contribuindo para o processo de inclusão dessas pessoas.

Palavras-chave: deficiência visual, comunidade de prática, WhatsApp.

### **Introdução**

Segundo o último censo populacional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 18,8% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência visual autodeclarada (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010, p.27). Clinicamente, a deficiência visual engloba alterações na visão que vão desde a perda parcial de funções visuais como a acuidade visual e o campo visual, até a perda total da visão (HADDAD; SAMPAIO, 2010), definindo dois grupos de deficiência: a cegueira, caracterizada pela perda total da visão ou capacidade muito baixa de enxergar, que exija da pessoa utilização de recursos de substituição da visão; e a baixa visão ou visão subnormal, caracterizada por menor comprometimento da capacidade visual, em que a pessoa pode ser auxiliada por recursos para melhor resolução visual (FUNDAÇÃO DORINA NORWILL PARA CEGOS, [201-]; HADDAD; SAMPAIO, 2010). Legalmente, é considerada pessoa com deficiência visual aquela que apresenta acuidade visual igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica (cegueira) ou acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a

melhor correção óptica (baixa visão); ou somatória da medida do campo visual em ambos os olhos igual ou menor que 60°; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores (BRASIL, 1999, 2004).

Pessoas com deficiência visual têm menos acesso a informações sobre saúde, especialmente sobre questões que não guardam relação direta com a deficiência visual, uma vez que dificilmente encontra-se material educativo adaptado a essa parcela da população (HARRISON; MACKERT; WATKINS, 2010), e a tecnologia assistiva (TA) pode atuar no sentido de reduzir a diferença que existe entre a quantidade de informação disponível para o público em geral e para o público deficiente visual, na medida em que materiais não adaptados podem ser acessados por meio de recursos de TA.

A TA é uma área de conhecimento interdisciplinar, que se refere-se ao conjunto de recursos, adaptações e serviços que podem contribuir para a ampliação ou o desenvolvimento de habilidades, ou ainda para a realização de alguma função que se encontra impedida em pessoas com deficiência (BERSCH, 2013; SANTOS et al., 2012), e engloba metodologias e estratégias que visam promover a autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, em caráter permanente ou temporário, sendo, assim, um elemento essencial à promoção dos direitos humanos (BRASIL, 2009).

Existem diferentes tipos de TA para as pessoas com deficiência visual, que vão desde a bengala ao computador, passando pelo sistema de leitura e escrita Braille e os instrumentos nele utilizados. Pensando nesses recursos como ferramenta para a divulgação de informação sobre saúde, destacaremos aqueles relacionados ao computador e seus periféricos, e aos dispositivos móveis. Softwares e aplicativos diversos em conjunto com sintetizadores de voz permitem que o deficiente visual interaja com computadores, celulares e tablets independentemente de sua interface predominantemente gráfica, facilitando o acesso à informação e às interações sociais (NUNES; DANDOLINI; SOUZA, 2014). E os dispositivos móveis com conexão à internet vêm se tornando cada vez mais importantes para as pessoas com deficiência visual, pois a combinação entre a tela sensível ao toque e os recursos de acessibilidade dos próprios sistemas operacionais promovem uma navegação simples e eficiente por parte dessas pessoas. Além disso, as redes sociais em dispositivos móveis vêm se mostrando como um ambiente favorável às interações sociais e aos processos de educação dessas pessoas (FUGLERUD *et al.*, 2012; TOLLEFSEN *et al.*, 2011).



## Metodologia

Este trabalho apresenta resultados de parte de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo geral é avaliar o impacto de redes sociais no engajamento público de estudantes deficientes visuais em questões sobre saúde e ambiente. As características das investigações conduzidas ao longo da pesquisa nos permitem defini-la como qualitativa. Os dados coletados visam descrever ações realizadas com uma população limitada de estudantes deficientes visuais e são predominantemente descritivos. Os participantes da pesquisa são estudantes cegos e com baixa visão entre 12 e 19 anos, regularmente matriculados em uma escola especializada em deficiência visual localizada na cidade do Rio de Janeiro. Embora haja diferenças entre a forma como pessoas cegas e com baixa visão utilizam as tecnologias, todas as atividades foram feitas com os participantes cegos e com baixa visão juntos, já que na escola, com exceção das turmas de alfabetização, todas as atividades são feitas dessa forma.

Para melhor compreender como os deficientes visuais utilizam as tecnologias móveis e as redes sociais, realizamos dois grupos focais com estudantes cegos e com baixa visão de uma escola especializada em deficiência visual do Rio de Janeiro. Como resultado, percebemos que esses estudantes são usuários de redes sociais em dispositivos móveis e se interessam por seu uso para atividades que promovam conhecimento e trocas de experiências relacionados às especificidades dos deficientes visuais e às interações entre pessoas com deficiência e destas com pessoas sem deficiência (DELLA LÍBERA; JURBERG, 2016). Assim, constituímos com esse grupo de estudantes uma comunidade de prática (CoP), a fim de discutir questões que fossem relevantes para os participantes, e de gerar ações que permitissem o compartilhamento do conhecimento gerado nessas discussões.

Uma comunidade de prática é constituída por um grupo de pessoas que compartilham uma paixão, um interesse ou um problema, e que aprendem coletivamente sobre aquilo que compartilham por meio de constante interação (WENGER, 2006). Embora diferentes arranjos entre pessoas possam ser denominados comunidades, Wenger (1998) destaca que uma CoP precisa apresentar três características fundamentais: uma área de conhecimento ou interesse comum que dá identidade ao grupo, que no nosso caso é a deficiência visual; o engajamento do grupo em atividades e discussões que geram ajuda mútua e permitem que os participantes aprendam uns com os outros; e o compartilhamento de práticas referentes ao seu interesse em

comum.

É importante ressaltar que uma CoP difere de um grupo de discussão na medida em que este último é constituído com o objetivo de se discutir um tema proposto por um indivíduo e, terminada a discussão, o grupo é dissolvido. Também é diferente de um grupo de trabalho, que possui hierarquia, propósito determinado e metas a serem cumpridas. A participação em uma CoP é sempre voluntária e a relação entre seus membros deve se estabelecer de forma horizontal. Ela se mantém de forma orgânica, com as discussões gerando práticas, que levam a novas discussões e assim por diante. Nessa configuração, todos os membros apresentam potencial para contribuir igualmente com a construção coletiva do conhecimento, embora seja observada uma estruturação natural em torno de três grupos distintos, porém essenciais: um pequeno grupo de participantes-chave, que tendem a manter as atividades acontecendo; um grupo maior de membros ativos que participam constantemente, mas seguem a direção dada pelos participantes-chave; e o maior grupo, periférico, cujos membros não costumam participar ativamente, mas continuam na comunidade para ouvir e aprender (RUE, 2008).

Uma CoP se beneficia da interação virtual, uma vez que a colaboração está no centro das práticas da comunidade e é a razão de ser da Web 2.0, mas a tecnologia utilizada deve ser simples, efetiva e transparente (RUE, 2008), não podendo se constituir em um obstáculo para a participação na comunidade. Considerando que os estudantes envolvidos têm bastante desenvoltura no uso de celulares e smartphones com acesso à internet, e que usam diferentes plataformas para se comunicar (DELLA LÍBERA; JURBERG, 2016), escolhemos dentre as utilizadas por eles o aplicativo WhatsApp como meio de interação virtual de nossa CoP. Os fatores que pesaram na escolha desse aplicativo foram a disponibilidade, a facilidade e a preferência de uso relatadas pelos estudantes (DELLA LÍBERA; JURBERG, 2016).

O Whatsapp é, segundo seu próprio site<sup>1</sup>, um aplicativo de troca de mensagens por celular que, por utilizar o plano de dados de internet móvel, não gera custos adicionais para enviar mensagens, que podem conter textos, imagens, vídeos e áudios (arquivos de áudio ou mensagens gravadas pelo usuário). Configura-se como uma rede social uma vez que o aplicativo permite a criação de grupos cujos participantes podem ser adicionados a partir da lista de contatos de qualquer um dos membros com status de administrador do grupo, e que há

---

<sup>1</sup> [https://www.whatsapp.com/?l=pt\\_br](https://www.whatsapp.com/?l=pt_br). Acesso em 15 abr 2016.

possibilidade de produção e compartilhamento de conteúdo dentro do próprio grupo e entre grupos ou usuários.

## **Resultados e Discussão**

O grupo do WhatsApp foi inicialmente formado com 16 participantes (13 estudantes e três professoras) e todos receberam o status de administrador, pois assim todos poderiam adicionar novos membros a qualquer momento. Logo após a criação do grupo, duas estudantes deixaram de participar; uma delas alegou que tinha pouca memória no celular e não conseguiria participar do grupo, pois as conversas não são recebidas quando não há espaço de armazenamento suficiente, e outra não deu nenhuma explicação. Uma participante foi adicionada para participar do primeiro bate papo e dois saíram após o segundo bate papo. Atualmente, conta com 13 participantes (10 estudantes e três professoras).

Começamos com a apresentação da proposta do grupo e dos participantes, e logo nas primeiras postagens um estudante se destacou como animador do grupo, convidando os demais a participar, embora mais tarde esse mesmo estudante tenha se distanciado um pouco das discussões feitas. Começamos com um bate papo sobre alimentação saudável, compartilhamos músicas que falam sobre comida e o ato de comer, e conversamos sobre criar uma playlist com essas músicas no YouTube. Para que a playlist fosse coletiva e do grupo, decidimos criar um canal no YouTube, que pudesse também reunir outras ações da comunidade. Foi criado então o canal Mundo Nosso<sup>2</sup>, cuja definição coletiva é “Somos um grupo de estudantes com deficiência visual e estamos aqui para falar sobre coisas que acontecem ao nosso redor. Vamos falar de saúde, esportes, tecnologia, família, relacionamentos, preconceito, bullying e etc. Sejam bem vindos ao Mundo Nosso!”.

A comunidade ficou pouco movimentada no período seguinte, correspondente à semana de provas e semana de segunda chamada da escola, e durante esse período refletimos sobre a janela de interesse e participação dos estudantes no processo. Eles apresentam um alto interesse durante um curto espaço de tempo, passam alguns dias sem nenhuma participação, e voltam a interagir com bastante entusiasmo. Por causa desses picos de interesse, decidimos que seria necessário que as respostas aos questionamentos levantados fossem dadas

---

<sup>2</sup> O canal pode ser acessado no endereço <https://www.youtube.com/channel/UCZ56L9ApEqm3EiFv7ty1DjQ>.

rapidamente, antes que se perdesse o foco naquele assunto.

Passado o período de baixa atividade, retomamos a conversa e os estudantes se mostraram fortemente engajados com a discussão, sendo que três estudantes vêm se destacando desde então na condução das conversas e animação dos demais membros, constituindo o grupo de participantes-chave. Foi sugerido que retomássemos o tema da alimentação saudável, e sugerimos convidar especialistas nos diferentes temas de interesse do grupo para participar das discussões, sendo a ideia prontamente aceita pelos participantes. Pedimos também que eles listassem outros temas de interesse, e foram listados namoro, sexualidade e gênero e bullying.

A justificativa dada pelos estudantes para a escolha do tema namoro, sexualidade e gênero foi a fase da vida em que eles se encontram: a adolescência. Eles afirmaram que começaram a se interessar por relacionamentos com outras pessoas, e têm dúvidas sobre comportamento e prevenção de gravidez e doenças sexualmente transmissíveis, além de demonstrar preocupação com atitudes desrespeitosas e preconceituosas em relação à identidade de gênero.

Partindo desses temas sugeridos, combinamos um primeiro bate papo com duas professoras da escola engajadas em pesquisas sobre sexualidade e gênero, na primeira sexta-feira das férias escolares, no período da tarde. Alguns dias antes do encontro marcado, pedimos aos estudantes que comesçassem a postar algumas dúvidas e perguntas que poderiam ser abordadas. No dia do encontro, as professoras foram adicionadas ao grupo antes do horário combinado e começaram a interagir com os participantes, motivando-os para o bate papo. Alguns estudantes não participaram dessa interação preliminar, e a eles foram feitos lembretes individuais via aplicativo e, para aqueles que não visualizaram a mensagem, tentamos contato via telefone. Dois estudantes participaram do bate papo do início ao fim, e mais três tiveram participação parcial (entraram após o começo e/ou saíram antes do fim). As perguntas eram livres, e versaram principalmente sobre aspectos relacionados à saúde sexual, com ênfase na prevenção a doenças sexualmente transmissíveis, principalmente HIV/Aids, e riscos de gravidez. Após o término do bate papo, três estudantes que não haviam participado de forma síncrona tiveram acesso ao conteúdo discutido e fizeram mais algumas perguntas, que foram respondidas pelas professoras participantes da CoP. Curiosamente, foi somente nesse momento que surgiram questões relacionadas à afetividade e à diversidade sexual. Acreditávamos que essas questões seriam levantadas durante o bate papo, uma vez que

havam sido mencionadas anteriormente, mas os estudantes que o haviam feito não puderam participar sincronamente. Dias depois, o assunto surgiu novamente e alguns estudantes sugeriram que fosse marcado um novo bate papo para tratar especificamente de questões sobre respeito à diversidade. O bate papo foi marcado, mas para data posterior ao fechamento deste trabalho.

Avaliamos essa primeira experiência positivamente, pois os estudantes tiveram liberdade para se expressar e puderam compartilhar experiências e gerar conhecimento. Além disso, uma vez que a discussão ficou disponível para todos os participantes a qualquer tempo, ela não se limitou aos participantes que estavam presentes no momento do bate papo, nem se restringiu ao seu tempo de duração. Os participantes se sentiram confortáveis para retornar ao tema e para sugerir novos desdobramentos e discussões. Também as professoras convidadas avaliaram a atividade positivamente, conforme podemos perceber no depoimento a seguir:

Observei como um saldo bastante positivo a liberdade de expressão dos alunos pois ainda hoje, para muitos, sexo é um assunto tabu. Surgiram questionamentos sobre sexo anal, por exemplo, que é um assunto cuja prática é criticada ou até proibida em determinadas denominações religiosas. (V., professora).

Com o desenrolar das conversas, o grupo voltou a discutir alimentação, e convidamos uma nutricionista para um novo bate papo. O encontro foi marcado para uma sexta-feira à noite, e a convidada também foi adicionada antes do horário previsto para interagir informalmente e motivar o grupo. O número de participantes foi menor que o do encontro anterior (dois estudantes participaram do início ao fim e apenas um participou parcialmente), mas houve um número maior de perguntas, possivelmente porque alimentação é um tema que não apresenta tantos tabus quanto sexualidade e assim os participantes se sentem mais à vontade para expor seus questionamentos.

Foram discutidas questões sobre alimentação adequada a adolescentes praticantes e não praticantes de esporte, alimentação relacionada a certos tipos de doença, hábitos alimentares que estão constantemente na mídia, como dieta sem glúten e dieta vegetariana, e relação entre alimentos transgênicos e desenvolvimento de doenças. Outros participantes tiveram acesso à discussão posteriormente, mas desta vez a discussão não se prolongou para além do encontro, provavelmente porque o tema já havia sido discutido anteriormente.

Durante as férias escolares, a interação entre os participantes dentro da CoP foi menos frequente, mas voltou a se intensificar com a aproximação dos Jogos Paralímpicos. Com a

campanha promovida para venda de ingressos, os participantes falaram um pouco sobre seu desejo de assistir, ou não, os Jogos. Alguns afirmaram que iriam a diferentes sessões, em especial aquelas de esportes que praticam, como futebol de 5, natação e, em especial, goalball. Por outro lado, outros disseram não ter interesse, e uma das participantes disse que preferia que o dinheiro gasto com os Jogos tivesse sido investido na educação. Iniciou-se uma discussão sobre a representatividade dos deficientes, a partir da campanha estrelada por atores que tiveram suas fotos editadas para que tivessem corpos como os de deficientes físicos, mas as atividades referentes a este assunto ainda estavam em andamento no momento do encerramento deste trabalho.

## **Conclusão**

A CoP vem se mostrando como espaço favorável de discussão de questões relevantes para este grupo de estudantes, permitindo o compartilhamento de ideias e práticas e a construção coletiva de conhecimento acerca de interesses em comum. Foi constituído um ambiente propício à discussão de temas relevantes que contemplam a especificidade dos estudantes envolvidos enquanto grupo de adolescentes com deficiência visual. Considerando que a escola não é o único espaço onde ocorre aprendizagem, a CoP pode atingir objetivos de aprendizagem determinados pelos próprios estudantes uma vez que seu foco são temas de interesse que muitas vezes ultrapassam os muros da escola (WENGER, 2006).

A escolha do aplicativo WhatsApp como ambiente de interação da CoP foi bastante positiva, uma vez que os participantes já se sentiam confortáveis para usar a ferramenta e para se expressar por meio dela. A familiaridade com o aplicativo permitiu que as interações acontecessem de forma natural, e que os estudantes utilizassem o grupo para se comunicar de forma autônoma e por iniciativa própria, ainda que algumas vezes tenha sido necessária alguma motivação por parte das professoras participantes. Sobre os bate papos, acreditamos foram produtivos e permitiram a geração de conhecimento que será posteriormente compartilhado em rede. Acreditamos que o acesso a esse tipo de conteúdo contribui para dar visibilidade aos deficientes visuais, favorecendo o processo de inclusão dessas pessoas.

## **Referências**





BERSCH, R. Introdução à Tecnologia Assistiva. 2013. Disponível em:

<[http://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf)>.

BRASIL. Decreto N<sup>o</sup> 3.298, de 20 de Dezembro De 1999. , 1999. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1999/decreto-3298-20-dezembro-1999-367725-normaatualizada-pe.pdf>>.

BRASIL. Decreto N<sup>o</sup> 5.296 de 2 de Dezembro De 2004. , 2004. Disponível em:

<[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5296.htm)>.

BRASIL. SUBSECRETARIA NACIONAL DE PROMOÇÃO DOS DIREITOS DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. COMITÊ DE AJUDAS TÉCNICAS. *Tecnologia Assistiva*. Brasília: CORDE, 2009. Disponível em:

<<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/livro-tecnologia-assistiva.pdf>>.

DELLA LÍBERA, B.; JURBERG, C. Estudantes cegos e com baixa visão nas redes sociais: apropriação do ambiente virtual pelos deficientes visuais. 2016, Marília, SP: [s.n.], 2016. Disponível em: <<http://www.fundepe.com/jee2016/cd/arquivos/109183.pdf>>.

FUGLERUD, K. S. *et al.* Use of social media by people with visual impairments: usage levels, attitudes and barriers. 2012, [S.l: s.n.], 2012. p. 565–572. Disponível em: <<http://dl.acm.org/citation.cfm?id=2557415&CFID=662843602&CFTOKEN=98115355>>.

FUNDAÇÃO DORINA NORWILL PARA CEGOS. Deficiência Visual. [S.d.]. Disponível em: <<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/>>.

HADDAD, M. A. O.; SAMPAIO, M. W. Aspectos globais da deficiência visual. In: SAMPAIO, M. W. *et al.* (Org.). . *Baixa visão e cegueira: os caminhos para a reabilitação, a educação e a inclusão*. Rio de Janeiro: Cultura Médica: Guanabara Koogan, 2010. 532 p.

HARRISON, T. C.; MACKERT, M.; WATKINS, C. Health literacy issues among women with visual impairments. *Research in gerontological nursing*, v. 3, n. 1, p. 49–60, 2010.

Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/profile/Tracie\\_Harrison/publication/41403522\\_A\\_Qualitative\\_Analysis\\_of\\_Health\\_Literacy\\_Issues\\_among\\_Women\\_with\\_Visual\\_Impairments/links/0deec52398e2063503000000.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Tracie_Harrison/publication/41403522_A_Qualitative_Analysis_of_Health_Literacy_Issues_among_Women_with_Visual_Impairments/links/0deec52398e2063503000000.pdf)>.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. [S.l: s.n.], 2010.



Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia/default\\_caracteristicas\\_religiao\\_deficiencia.shtm](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/default_caracteristicas_religiao_deficiencia.shtm)>.

NUNES, E. V.; DANDOLINI, G. A.; SOUZA, J. A. DE. As tecnologias assistivas e a pessoa cega. *DataGramaZero*, v. 15, n. 1, p. 12, 2014.

RUE, K. DE LA. The Theory and Practice of Communities. *KM Review*, v. 11, n. 5, p. 22–26, 2008.

SANTOS, C. P. *et al.* PROJETO INFOACESSO - INFORMÁTICA PARA PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL. *Revista Eletrônica de Extensão da URI*, v. 8, p. 200–209, 2012.

Disponível em:

<[http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero\\_014/artigos/artigos\\_vivencias\\_14/n14\\_19.pdf](http://www.reitoria.uri.br/~vivencias/Numero_014/artigos/artigos_vivencias_14/n14_19.pdf)>.

TOLLEFSEN, TM. *et al.* *Connected! A paper about the disabled and the use of social media*, 2011. Disponível em: <<http://www.medialt.no/dokumenter/956.aspx>>.

WENGER, E. *Communities of Practice: a brief introduction*, 2006. Disponível em:

<<http://www.ewenger.com/theory/>\n<http://books.google.com/books?hl=en&lr=&id=heBZpgYUKdAC&pgis=1>>.

